EDIÇÃO DIGITAL

125 ANOS DO JORNAL MARIA DA FONTE PÓVOA DE LANHOSO 1886 | 2011

EXPOSIÇÃO

GALERIA DE EXPOSIÇÕES
DO THEATRO CLUB
PÓVOA DE LANHOSO

Câmara Municipal Póvoa de Lanhoso

THEATRO CLUB

Biblioteca Municipal da Póvoa de Lanhoso

PARCEIRAS

MARIA FONTE

Correio do Minho.pt

EDIÇÃO DIGITAL | 2011

-

TÍTULO

JORNAL MARIA DA FONTE – 125 ANOS

COORDENAÇÃO / REVISÃO

DIVISÃO DE CULTURA E TURISMO DA CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE LANHOSO

TEXTOS

EDIÇÃO EVOCATIVA DOS

125 ANOS DO JORNAL MARIA DA FONTE

-

WWW.THEATROCLUB.COM

"NA PÓVOA DE LANHOSO, A IMPRENSA APARECEU PELA PRIMEIRA VEZ NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX COM O SEMANÁRIO "O CASTELO DE LANHOSO". A SUA PRIMEIRA REDACÇÃO FUNCIONOU EM BRAGA, NA RUA DOS GRANJINHOS, N.º 1 E, EM PARALELO, TERÁ PROVAVELMENTE, EXISTIDO TAMBÉM SEDE NA VILA DA PÓVOA, DESCONHECENDO-SE, CONTUDO, O LUGAR ONDE TERÁ FUNCIONADO. **"O CASTELO DE LANHOSO"** DUROU MUITO POUCO TEMPO. FUNDADO EM 1 DE JUNHO DE 1885, VIRIA A PUBLICAR O SEU ÚLTIMO NÚMERO ESCASSOS MESES DEPOIS, MARCAVA O CALENDÁRIO DO TEMPO O DIA 3 DE JANEIRO DE 1886, DANDO LUGAR AO **"A MARIA DA FONTE"** QUE, NA SEGUNDA PÁGINA DO SEU PRIMEIRO NÚMERO REPRODUZIU A ÚLTIMA PRIMEIRA PÁGINA DAQUELE. "A MARIA DA FONTE", APESAR DE, NO CABEÇALHO, COMPORTAR NOMES DIFERENTES, NOMEADAMENTE OS DO REDACTOR PRINCIPAL E DO PROPRIETÁRIO QUE PASSARAM A SER, RESPECTIVAMENTE, AZEVEDO COUTINHO E ÁLVARO FERREIRA GUIMARÃES, MANTEVE O MESMO ASPECTO GRÁFICO E O MESMO TIPO DE CONTEÚDO DE "O CASTELO DE LANHOSO".

Capa de "Rascunhos da História"

José da Paixão Bastos, em "No Coração do Minho" (1907), escreveu que existiram, ainda, um jornal intitulado "A Folha Democrática", indicando o dia 2 de Fevereiro de 1888 como o da sua fundação, a "Gazeta de Lanhoso", fundado em 16 de Agosto de 1900, o "Povo de Lanhoso", em 4 de Dezembro de 1901 e uma segunda série de "O Castelo de Lanhoso", em 8 de Dezembro de 1906, dirigida por Albino Bastos. Em 1895, e durante alguns meses, publicou-se "O Chicote", um jornal editado exclusivamente para guerrear o Juiz de Direito da Comarca, cujos proprietários e colaboradores não se identificavam, usando pseudónimos.

Em 2 de Julho de 1910, com o n.º 1 no cabeçalho, reaparecia o "Povo de Lanhoso". Tinha redacção e administração na Rua Capelo Ivens, e o seu proprietário e director foi Luiz Valle Rego.

O "Póvoa de Lanhoso", desaparecido em 5 de Julho de 1990, tem mais anos do que aqueles que a sua certidão de nascimento oficial indica pois (...) o seu aparecimento remonta ao ano de 1916, dando, posteriormente, lugar ao "A Póvoa de Lanhoso" regionalista e católico, cujo primeiro número veio a público em 14 de Abril de 1929. Interessados em ter à mão um jornal que lhes emprestasse voz, os fundadores da segunda série deste semanário devem ter adquirido, ou aproveitado, um título já existente, devidamente legalizado, o que lhes facilitava a vida e lhes possibilitava um avanço rápido, livre das burocracias que, já nesse tempo, existiam.

A primeira série do "A Póvoa de Lanhoso" viria a desaparecer em

A Imprensa na Póvoa de Lanhoso

Localização da primeira sede do semanário «A Maria da Fonte»

Localização da sede do Jornal "Maria da Fonte"

1919 e, em 12 de Outubro de 1922, nascia, para o substituir, o "Jornal de Lanhoso". Era, também ele, semanário regionalista, tinha como director José da Paixão Bastos (que havia sido o primeiro director do "Póvoa de Lanhoso") e, como proprietário, Alberto César Leite.

A redacção, administração e oficinas teve-as na Rua D. Elvira Câmara Lopes, em casa do próprio director.

Este jornal durou pouco tempo pois, em 1925, Paixão Bastos aparece como director do "Maria da Fonte".

Em 1911, chegou a ser anunciada a criação de um novo semanário.

O autor do projecto, que assumiria também a direcção, foi Domingos Gonçalves da Cruz, proprietário da Casa Cirilo, e o título escolhido para o periódico foi "O Reclámo".

Não encontramos, no entanto, qualquer exemplar deste jornal nos vários arquivos visitados, nem qualquer outra referência que comprove a sua publicação efectiva.

Desaparecidos " O Castelo de Lanhoso", "O Povo de Lanhoso" e o "Jornal de Lanhoso", o Concelho acomodou-se à existência de apenas dois semanários: "A Maria da Fonte", fundado em 1886 e "A Póvoa de Lanhoso", cuja edição foi retomada em 1929, situação que se manteve durante décadas.

Cada um destes semanários tinha a sua linha editorial e, ao longo dos tempos, a "guerrilha" entre eles foi notória. Bastante mais tarde, foram aparecendo outros pequenos jornais, uns escolares, como "O Lampião", outros, ligados à Igreja, como o "Notícias da Igreja Nova".

Jornais surgidos após o 25 de Abril de 1974:

"Jornal da Póvoa" (1981 - 2004)
"Ecos da Senhora do Porto" (1985 - 2001)
"Tribuna de Lanhoso" (1992 - 2011)
"Terras de Lanhoso" (1996 - ????)
"Castelo de Lanhoso" (3.ª Série - 1999 - 2007)

Por todos estes periódicos, uns velhinhos e venerandos, outros mais jovens e cheios de pujança, a maior parte definitivamente arredados da luz do mundo, passaram homens e mulheres que fizeram história.

José Abílio Coelho
"Rascunhos da História (Subsídios para a História da Imprensa nas Terras de Lanhoso)"
Póvoa de Lanhoso, 1994

A MARIA DA FONTE

Edição n.º 01 "A Maria da Fonte"

A 03 de Janeiro de 1886 surge o primeiro número do Jornal " A Maria da Fonte" e, na página 2 do mesmo, surge impressa uma primeira página do jornal que está na sua origem, o "Castelo de Lanhoso".

O CASTELLO DE LANHOSO

N.º 31, Ano I de 31 de Dezembro de 1885

O Jornal "O Castelo de Lanhoso" havia surgido um ano antes (em 01 de Junho de 1885) e agora dava origem ao novo título... o que levanta diversas questões, nomeadamente quais as razões, ou quais os objectivos do seu desaparecimento...

O jornal "A Maria da Fonte" vem responder às acusações e à provocação que constituiu a publicação no ano anterior, em 1885, do livro de Camilo Castelo Branco "A Maria da Fonte" assente e veiculando um relato de José Joaquim Ferreira de Mello e Andrade, o Administrador do Concelho ao tempo da Revolução em 1846.

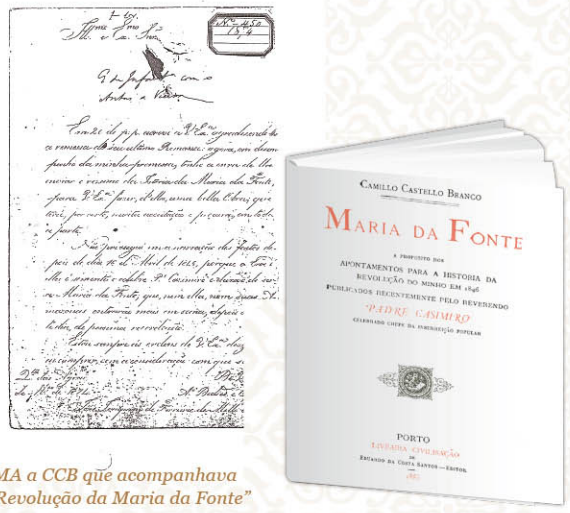
A Fundação do Jornal "A Maria da Fonte"

O ESTATUTO EDITORIAL DO NÚMERO 1 DE "A MARIA DA FONTE" É, DE ALGUMA FORMA INCISIVO ACERCA DOS SEUS OBJECTIVOS, A DEFESA DOS VALORES LOCAIS... EM QUE O TÍTULO ASSUME ALGUMA RELEVÂNCIA, EMBORA SE POSSA DIZER QUE NÃO SERIA SUPERIOR AO TÍTULO DO SEU PRECEDENTE " O CASTELO DE LANHOSO", AFINAL O MAIOR EX-LIBRIS CONCELHIO COM MAIS DE 8 SÉCULOS DE HISTÓRIA E FEITOS...

"Com um fim elevado, grandioso e patriótico entramos hoje na arena da imprensa periódica.
O Minho, esta bela e encantadora província, que engrinalda a rugosa fronte do vetusto Portugal, tem mostrado sempre quão valorosos e arrojados são os seus dilectos filhos tornando-se assim respeitada e temida das outras províncias suas irmãs. E a pátria dos Berredos, dos Osórios e dos Godinhos tem sido sempre o braço mais poderoso para repelir odiosas oppressões e restaurar as regalias populares.
Vamos, pois, levantar este monumento commemorativo dos feitos heróicos deste povo; e, avivando na memória de todos, factos que jamais devem olvidar-se, legaremos às gerações vindouras as tradições gloriosas dos seus antepassados.
A memória da Maria da Fonte, d'essa mulher varonil, que, excitando os ânimos, já em convulsão latente, fez surgir uma revolução popular que, em pouco tempo, ganhando poderosos alentos abalou um throno, o que abateria um sceptro se não fora a intervenção estrangeira, a memória d'essa heroína urge ser enfim perpectuada n'esta folha semanal que vê hoje a luz da publicidade.
Mas a Maria da Fonte, surgindo n'este pélago de ideias, n'este esboroar dos mais sólidos princípios e das mais firmes crenças políticas, não será, como a heroína d'outr'ora o braço direito d'um partido, mas sim – a glória do passado, o echo do presente, a inspiração do futuro.

O LIVRO DE CAMILO CASTELO BRANCO

A "Maria da Fonte" de Camilo Castelo Branco assume dar à estampa a versão dos acontecimentos que José Joaquim Ferreira de Mello e Andrade, em 1874, lhe remetera (após a publicação do Romance "O Demónio do Ouro" que se baseara em idêntica fonte), e onde se faz transparecer uma imagem muito negativa das mulheres e das gentes da Póvoa de Lanhoso.
Sabendo-se do alcance da obra de Camilo, mesmo em pleno séc. XIX, impunha-se fazer a defesa do bom nome da Póvoa de Lanhoso, afinal "o rodeiro dos engeitados da Póvoa".

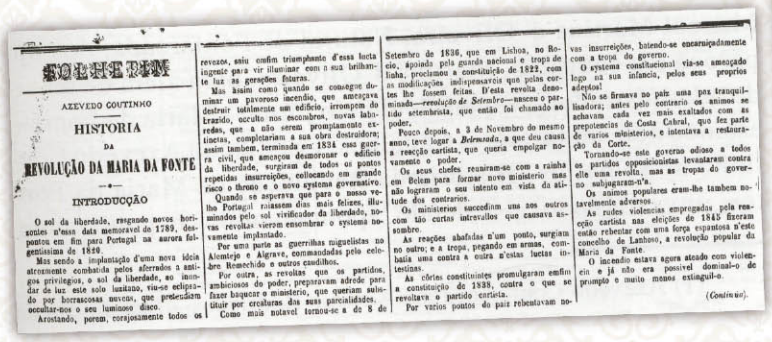


Carta de JJFMA a CCB que acompanhava a "Istória da Revolução da Maria da Fonte"

Através das páginas do Jornal "A Maria da Fonte", assumido como o instrumento ideal por toda uma comunidade, a defesa da imagem e do Bom Nome das Heroínas de 1846 e de toda a comunidade da Póvoa de Lanhoso, é Azevedo Coutinho quem, conjuntamente com Martins d'Oliveira e naturalmente a anuência de Álvaro Ferreira Guimarães (o primeiro Administrador do Jornal) publica, sob a forma de "Folhetim" a "História da Revolução da Maria da Fonte – Relato dos primeiros acontecimentos da primavera de 1846, escritos quarenta anos depois, sob a orientação de um contemporâneo da Revolução".

A partir do segundo número do jornal, e que ao longo de 7 meses (entre 10 de Janeiro e 16 de Agosto de 1886) é contada uma versão "nova" dos factos que se assumem como um verdadeiro contraponto ao texto de Ferreira de Mello, publicado e adoptado por Camilo Castelo Branco.

O Folhetim
Relato de Azevedo Coutinho



FOLHETIM

AZEVEDO COUTINHO

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO DA MARIA DA FONTE

INTRODUCÇÃO

O sol da liberdade, rasgando novos horisontes n'essa data memoravel de 1789, despontou em fim para Portugal na aurora folgentissima de 1820.

Mas sendo a implantação d'uma nova idéia atrozmente combatida pelos aferrados a antigos privilegios, o sol da liberdade, ao immiscuir-se este astro luminoso, via-se eclipsado por horrorosas nuvens, que pretendiam ocultar-nos o seu luminoso disco.

Arostando, porem, corajosamente todos os revezes, seiu emfim triumphante d'essa lucta ingente para vir illuminar com a sua brilhante luz as gerações futuras.

Mas assim como quando se consegue dominar um pavoroso incendio, que ameaçava destruir infelizmente um edificio, irrompem do brazido, occulto nos escombros, novas labaredas, que a não serem promptamente extinctas, completariam a sua obra destruidora; assim tambem, terminada em 1834 essa guerra civil, que ameaçou desmoronar o edificio da liberdade, surgiram de todos os pontos repetidas insurreições, collocando em grande risco o throno e o novo systema governativo.

Quando se esperava que para o nosso velho Portugal raiassem dias mais felizes, illuminados pelo sol vivificador da liberdade, novas revoltas vieram ensombrar o systema bemvindo implantado.

Por uma parte as guerrilhas miguelistas no Alemtejo e Algrave, commandadas pelo celebre Remechido e outros caudilhos.

Por outra, as revoltas que os partidos, ambiciosos do poder, preparavam adrede para fazer baquear o ministerio, que queriam substituir por creaturas dos seus parcialidades.

Como mais notavel tornou-se a de 8 de Setembro de 1836, que em Lisboa, no Rocio, apoiada pela guarda nacional e tropa de linha, proclamou a constituição de 1822, com as modificações indispensaveis que pelos cortes lhe fossem feitas. D'esta revolta denominada—*revolução de Setembro*—nasceu o partido setembrista, que então foi chamado ao poder.

Pouco depois, a 3 de Novembro do mesmo anno, teve logar a *Belemsada*, a que deu causa a reacção cartista, que queria empolgar novamente o poder.

Os seus chefes reuniram-se com a rainha em Belem para formar novo ministerio mas não lograram o seu intento em vista da attitude dos contrarios.

Os ministerios succediam uns aos outros com tão curtos intervallos que causava assombro.

As reacções abafadas n'um ponto, surgiam no outro; e a tropa, pegando em armas, combatia uma contra a outra n'estas luctas intestinas.

As côrtes constituintes promulgaram emfim a constituição de 1838, contra o que se revoltava o partido cartista.

Por varios pontos do pais rebentavam novas insurreições, batendo-se encarniçadamente com a tropa do governo.

O systema constitucional via-se ameaçado logo na sua infancia, pelos seus proprios adeptos!

Não se firmava no paiz uma paz tranquillisadora; antes pelo contrario os animos se achavam cada vez mais exaltados com as prepotencias de Costa Cabral, que fez parte de varios ministerios, e intentava a restauração da Carta.

Tornando-se este governo odioso a todos os partidos opposicionistas levantaram contra elle uma revolta, mas as tropas do governo subjugaram-n'a.

Os animos populares eram-lhe tambem notavelmente adversos.

As rudes violencias empregadas pela reacção cartista nas eleições de 1845 fizeram então rebentar com uma força espantosa n'este concelho de Lanhoso, a revolução popular da Maria da Fonte.

O incendio estava agora ateado com violencia e já não era possivel dominal-o de prompto e muito menos estinguil-o.

(*Continua*).

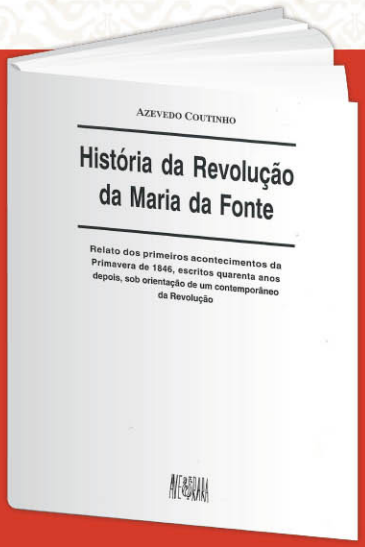
Extracto do Folhetim

Capa do livro de Paixão Bastos | 1945

Apesar da resposta não ter sido assumida frontalmente, já que em nenhum momento é mencionado o Romance de Camilo, apenas o nome de José Joaquim Ferreira de Mello e Andrade, na incontornável referência ao Administrador do Concelho "rigoroso no cumprimento dos seus deveres" bem como à sua demissão "entendeu o Administrador do Concelho que não podia continuar a exercer o seu cargo e pediu a exoneração, que, não sem demora, lhe foi aceite".

Com a substituição do Administrador por outro "mais popular" (...) "espalhada esta notícia, convergiu ao lugar de Simães, freguesia de Fontarcada, um numeroso concurso de mulheres de várias freguesias, e ali deliberaram formar dentre elas uma comissão que, apresentando-se ao administrador, lhe fizesse a proposta de que, "se ele as não perseguisse, abandonariam o campo da revolta...", ao que o Administrador anuiu e as mulheres "cumpriram fielmente a sua promessa".

Este relato vai ser publicado em diversos momentos ao longo dos 125 anos da História do Jornal, transposta a informação para edições bibliográficas como aconteceu com Paixão Bastos em 1945, até ser publicado em formato de livro em 1997.



Capa edição completa do "Relato (...)" em 1997 pela editora AveRara

IDENTIFICADO EM 12 DE OUTUBRO DE 1890 O N.º 250 (EM 5 ANOS DE PUBLICAÇÃO 1886-1890), O JORNAL SÓ VOLTARÁ A SER PUBLICADO A PARTIR DE 1895, SUPRIMINDO À SUA EXISTÊNCIA OS 4 ANOS DE INTERRUPÇÃO, PELO QUE EM 1895 O SEU CABEÇALHO NÃO CONTABILIZA 9 ANOS DE EXISTÊNCIA, MAS SIM 5 ANOS, O QUE FAZ SUPOR, OU NOS REMETER PARA UMA "REFUNDAÇÃO" NO ANO DE 1895.

É a partir da contagem iniciada em 1895 que o futuro do jornal é feito... para chegarmos a 1925 com o número 1538 (03 de Maio). Estes números tornam clara a invulgar regularidade da edição do jornal, com cerca de 50 números anuais editados ao longo de 31 anos.

A 15 de Maio de 1927 inicia-se nova série, depois de alcançado o número 100 em 23 de Setembro de 1928 reinicia-se uma nova contabilização (interrompendo a numeração ao número 67, retomada episodicamente em 9 e 16 de Dezembro do mesmo ano de 1928), cuja série só termina ao número 110 em 30.12.1930.

A) 1895.08.11
B) 1897.02.14 – 7.º ANNO / N.º 89
C) 1897.11.21 – 8.º ANNO / N.º 128
D) 1931.01.04 – 34.º ANOS / N.º 1
E) 1932.12.04 – 35.º ANOS / N.º 100
F) 1974.07.06 – 85.º ANO / N.º 2401
G) 1982.05.14 – 34.º ANOS / N.º 1

Refundação (1895)
Regularidade de Publicação

E F G

Em 1974.07.06, no início da 24.ª Série, o jornal passa a ser numerado pela contabilização do total das 24 séries, com o N.º 2401 | Ano 85, quando, de facto, o jornal vai já no 89.º ano de publicação e o número de exemplares excederia largamente aquele número.
Em 1982, quase 100 anos depois, em 14 de Maio, identificado o primeiro número na Biblioteca Nacional, a existência do jornal é revista, passando definitivamente ao 97.º ano de existência, com o N.º 2774.
Em 2008 o Jornal passa a sua edição a Quinzenal.

Novas séries iniciam-se em 04.01.1931 e 30.12.1932, a 3.ª segundo o Jornal ...

A 4.ª Série inicia em 1934.11.18 (N.º 01 | 37 Anos)

A 5.ª Série inicia em 1936.05.17 (N.º 79 | 47 Anos – salta do n.º 78 | 39 Anos | 1936.05.10)

A 6.ª Série inicia em 1936.10.18 (N.º 01 | 47 Anos)

A 7.ª Série inicia em 1940.04.14 (N.º 01 | 50 Anos)

A 8.ª Série inicia em 1942.07.19 (N.º 01 | Ano 53)

A 9.ª Série inicia em 1944.06.25 (N.º 01 | Ano 55)

A 10.ª Série inicia em 1946.06.16 (N.º 01 | Ano 57)

A 11.ª Série inicia em 1948.05.30 (N.º 01 | Ano 59)

A 12.ª Série inicia em 1950.05.14 (N.º 01 | Ano 61)

A 13.ª Série inicia em 1952.07.27 (N.º 01 | Ano 63)

A 14.ª Série inicia em 1954.07.11 (N.º 01 | Ano 65)

A 15.ª Série inicia em 1956.06.24 (N.º 01 | Ano 67)

A 16.ª Série inicia em 1958.06.08 (N.º 01 | Ano 69)

A 17.ª Série inicia em 1960.06.12 (N.º 01 | Ano 71)

A 18.ª Série inicia em 1962.06.24 (N.º 01 | Ano 73)

A 19.ª Série inicia em 1964.06.21 (N.º 01 | Ano 75)

A 20.ª Série inicia em 1966.06.26 (N.º 01 | Ano 77)

A 21.ª Série inicia em 1968.06.22 (N.º 01 | Ano 79)

A 22.ª Série inicia em 1970.06.27 (N.º 01 | Ano 81)

A 23.ª Série inicia em 1972.07.01 (N.º 01 | Ano 83)

Maria da Fonte

HOSPITAL A. LOPES

HOSPITALISADOS

A Maria da Fonte

HOSPITAL A. LOPES

HOSPITALISADOS

O mesmo jornal, publicado com duas datas, com nomes diferentes, números diferentes, directores diferentes... pelo facto de o primeiro não ter sido submetido à Censura

A Administração e a Direcção

O PRIMEIRO DIRECTOR DO JORNAL **"A MARIA DA FONTE"** FOI AZEVEDO COUTINHO, QUE ERA JÁ, À ÉPOCA, UM IMPORTANTE PROSADOR E VIRIA A SER RESPONSÁVEL POR UM CONJUNTO DE ESTUDOS E PUBLICAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA PÓVOA DE LANHOSO.

AZEVEDO COUTINHO ACABA POR MARCAR A SUA PASSAGEM PELO JORNAL COM A PUBLICAÇÃO DO FOLHETIM "RELATO DOS ACONTECIMENTOS...", QUE SÃO DADOS À ESTAMPA NO PRIMEIRO ANO DE EXISTÊNCIA DO JORNAL, NO QUE **FRANCISCO MARTINS D'OLIVEIRA** É CO-RESPONSÁVEL.

O PRIMEIRO ADMINISTRADOR FOI **ÁLVARO FERREIRA GUIMARÃES** QUE DEIXA A ADMINISTRAÇÃO A MARTINS DE OLIVEIRA EM 1897, APÓS A ESTABILIZAÇÃO DO JORNAL. UM ANO DEPOIS, EM 01 DE JANEIRO DE 1888 A ADMINISTRAÇÃO É ASSUMIDA POR **FREITAS GUIMARÃES** E EM 1890 POR **GONÇALVES LIMA**.

*Após a refundação do Jornal em 1895, mês de Maio, os principais redactores são **Alfredo Ribeiro** e **Albino Bastos**, passando o primeiro a partir de Dezembro a acumular as funções de Redactor Principal e Administrador.*

*A situação altera-se em 1897 (28 de Fevereiro), quando passa a **"Semanário Independente"**, tendo como Editor Responsável Joaquim José de Sousa, que um ano depois é substituído por **José Joaquim da Silva Carranheta**, quando passa a titular-se de **"MARIA DA FONTE"** (N.º 133), mantendo-se a situação por cerca de 10 anos.*

Alfredo Ribeiro regressa à Direcção do Jornal em 1907.05.12, e em Setembro do mesmo ano, Cyrillo Ferreira aparece-nos como Administrador.

*Após a Implantação da República Portuguesa a Edição do jornal é assumida por **Manoel Bernardino Lopes de Macedo**, que se mantêm até Julho de 1923. Já em 1924.01.04 (Ano XXX; N.º 1521) **Antero Pacheco** como Director e Editor.*

***João Carvalho**, que havia chegado ao Jornal em 1901, torna-se seu proprietário a partir de 1920.*

*Em Outubro de 1925, o Director e Editor é **Paixão Bastos**, que resiste, num primeiro momento, às movimentações do Golpe Militar de Maio de **1926**. Quando em Setembro de 1928 não submete o jornal à **Censura**, este é impedido pela autoridade administrativa de circular, assumindo a direcção do jornal como Director e Editor o **Dr. Manuel Alexandre Pereira** (Ano 1, N.º 1, recuperando a denominação de "A Maria da Fonte").*

*Neste momento o jornal vai viver alguns momentos difíceis, já que em 9 de Dezembro de 1928 o seu Director e Editor passa a ser o **Dr. Pinto Bastos**, retomando a denominação "Maria da Fonte" (Ano 35, N.º 68), pese embora 2 semanas volvidas retome a designação de "A Maria da Fonte", Ano 1 N.º 10 e em Janeiro de 1929 o Director e Editor seja o Dr. Manuel Alexandre Pereira.*

*Na 12.ª Série (1950.12.17 | ano 61) o Director e Editor é **Anibal Magalhães** e o Proprietário Armando Eurico de Carvalho quando o pai (João Carvalho) passa a propriedade do Jornal para o filho e o Director Manuel Alexandre Pereira deixa, após mais de 30 anos, a Direcção do Jornal.*

A partir de 1979.07.13 (N.º 2642 | Ano 90), a Direcção e Propriedade acumulam em Armando Eurico de Carvalho, que mantém a situação até à sua morte em 2000.

***Armindo Alberto Araújo Veloso** é Director do Jornal a partir de Janeiro de 2001, quando este é adquirido por **Manuel Freitas Costa,** integrando o Grupo Arcada Nova, S.A de que fazem parte o jornal "Correio do Minho" e a Rádio Antena Minho.*

Álvaro Ferreira Guimarães

Natural de Guimarães, onde nasceu em 15 de Maio de 1863, Álvaro Ferreira Guimarães foi o primeiro proprietário do Jornal "Maria da Fonte" e julga-se que o seu principal fundador. Teve casa comercial na Vila, naquela que é agora a Praça Eng.º Armando Rodrigues e no tempo se chamou Praça Municipal, e teve papel preponderante em toda a vida social e política da Póvoa de Lanhoso do seu tempo.

Não se conhecem escritos seus, embora se saiba que, embora sem formação superior, foi um homem culto. Foi o primeiro comerciante povoense a ter livraria, que no tempo se chamava "Agência Literária".

A. Júlio Rodrigues d' Azevedo Coutinho

Nasceu na freguesia de Fontarcada, na Quinta de Bouçó, no dia 11 de Julho de 1860. António Júlio de Azevedo Coutinho foi um dos pioneiros do jornal "A Maria da Fonte", e pertenceu ao grupo dramático 1.º de Dezembro, na qualidade de fundador do grupo, actor e cenógrafo.

Em 1890 fixa a sua residência em Braga, onde foi redactor dos jornais bracarenses "Correio do Minho" e "O Progressista". Mais tarde, estabelece-se no Porto, onde desempenha funções de agente e correspondente de companhias seguradoras. Faleceu a 07 de Setembro de 1918 SILVA, José Bento da. "Em Cena – Theatro Club (1904-2004)", C.M. Póvoa de Lanhoso, 2005

Rostos do Jornal Maria da Fonte

Francisco Manoel Martins d' Oliveira

Responsável pelo «A Maria da Fonte» desde a sua fundação, tornou-se, após a saída de Álvaro Ferreira Guimarães, o seu principal administrador. Escrevia muitíssimo bem, publicando pequenos textos sobre as «Coisas da Póvoa». Nestes pequenos espaços, contava histórias da terra e dava explicações sobre a causa de muitas coisas que se prendiam com essa mesma história. Vivia em Fontarcada, de cujo pároco era sobrinho e foi contemporâneo da «Maria da Fonte», sobre a qual recolheu vasta informação que publicou, em almanaques, jornais e, inclusive, numa revista brasileira. Coadjuvou Azevedo Coutinho, na feitura do folhetim «História da Revolução da Maria da Fonte», que infelizmente, não foi concluído.

Alfredo António Teixeira Ribeiro

Como advogado e como homem, o Dr. Alfredo Ribeiro foi um dos homens mais importantes da Póvoa de Lanhoso do seu tempo. Como jornalista, tornou-se um dos principais pilares do «A Maria da Fonte», no qual exerceu funções de redactor principal e director. Sob sua orientação, saiu o jornal da letargia em que esteve mergulhado durante quatro anos, na última década do século passado. Alfredo Ribeiro foi um dos homens grandes do jornalismo povoense e progenitor de uma família que haveria de dar grandes nomes à Póvoa de Lanhoso. Entre os seus filhos contam-se o Professor Doutor Teixeira Ribeiro, que ocupou cargos governamentais e foi Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, e o Senhor Abílio Teixeira Ribeiro, Provedor da Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Lanhoso durante perto de duas décadas e figura mais importante da sua modernização e do seu crescimento.

José da Paixão Carvalho Bastos

Nasceu na Vila da Póvoa de Lanhoso em 14 de Abril de 1870. Foi solicitador e escrivão de Direito, tendo prestado serviço nos Tribunais de Esposende, Cabeceiras de Basto, Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso. Colaborou em vários jornais e almanaques e foi fundador e director do «Jornal de Lanhoso» e director do «Póvoa de Lanhoso» e «Maria da Fonte». Publicou vários livros, entre os quais se contam «No Coração do Minho – A Póvoa de Lanhoso Histórica e Ilustrada», primeira monografia da Póvoa de Lanhoso (1907); «Maria Luisa Balaio ou Maria da Fonte», sobre a revolução da Maria da Fonte (1945); e «Cancioneiro Lusitano» (1928).

A José da Paixão Bastos deve a Póvoa de Lanhoso, em grande parte, o movimento jornalístico e editorial dos primeiros cinquenta anos do Séc. XX.

Faleceu em 13 de Dezembro de 1947.

Rostos do Jornal Maria da Fonte

João Augusto Ribeiro Carvalho

Nasceu na freguesia da Sé, em Braga, no ano de 1873, e faleceu na Póvoa de Lanhoso , em 20 de Março de 1962. Muito jovem ainda, veio para a Póvoa de Lanhoso, onde, durante anos, foi o tipógrafo responsável pelas oficinas do semanário «Maria da Fonte». Em 1920 tornou-se seu proprietário e responsável.

Chegou a estar preso mas, apesar disso, manteve sempre o jornal com a mesma dignidade. Fez da oficina do semanário uma escola onde, para além do filho, Armando Eurico de Carvalho, outros homens aprenderam uma profissão...

Armando Eurico de Carvalho

Nasceu na Vila da Póvoa de Lanhoso, em 30 de Dezembro de 1916. Desde muito jovem que teve os jornais no seu caminho pois, seu pai, João Carvalho, era o proprietário do «Maria da Fonte» e da tipografia onde o jornal era feito. Ali iniciou, o jovem Armando, a sua aprendizagem na profissão que, anos mais tarde, haveria de abraçar, dando continuidade ao jornal que herdou do pai. Durante muito tempo foi impedido de ser o Director do Periódico que era seu, por ter ficha na PIDE. Em 1979, conseguiu, finalmente, alcançar o lugar a que tinha direito no cabeçalho do jornal. Escreveu sobre vários assuntos, especialmente pequenas notícias e comentários desportivos. Foi durante muito tempo o correspondente desportivo do «Correio do Minho».

COELHO, José Abílio.
"Rascunhos da História" (Subsídios para a História da Imprensa nas Terras de Lanhoso), Póvoa de Lanhoso, 1994.

1909.12.05

1944.12.17

1954.12.26

1959.12.20

1969.12.06

1969.12.13

1930.09.07

1949.12.25

A influência e a Diáspora Povoense

RECONHECE-SE O PODER DA COMUNICAÇÃO SOCIAL, QUE TINHA NA IMPRENSA ESCRITA DO NOSSO PAÍS, ATÉ MEADOS DO SÉCULO XX UMA FORÇA ÍMPAR. SABEMOS DAS IMPORTANTES LUTAS TRAVADAS ATRAVÉS DAS PÁGINAS DOS JORNAIS DIÁRIOS, SEMANÁRIOS E MENSÁRIOS. NA PÓVOA DE LANHOSO NÃO FOI DIVERSO... SE A PÓVOA DE LANHOSO CONTINUA A SER A LOCALIDADE BERÇO DA MARIA DA FONTE, DISPUTADA QUE O FOI POR TANTAS OUTRAS, A PERSISTÊNCIA E A INSISTÊNCIA ACABARIA POR SE TORNAR DECISIVA AO LONGO DE MAIS DE UM SÉCULO, PASSANDO DA MONARQUIA À REPÚBLICA E RESISTINDO A 48 ANOS DE DITADURA, ONDE PARA ALÉM DE UM TÍTULO, DE UM SÍMBOLO, DE UMA MARCA, SEMPRE FOI UMA VOZ INCÓMODA, INCONVENIENTE, INTERVENTIVA...

Pela postura irreverente do seu Administrador e proprietário João Carvalho, politicamente assumido como opositor ao Estado Novo, são inúmeros os episódios protagonizados pela Censura e manifestamente relevante o próprio surgimento de um novo jornal, situacionista, o "Póvoa de Lanhoso", refundado pelo símbolo e protagonista mais marcante do Estado Novo na Póvoa de Lanhoso, o Padre José António Dias, que desde 1925 se vai destacar enquanto Presidente da Câmara, Presidente da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Pároco da Vila..., este jornal tenta ombrear e colocar em causa a expressividade do "Maria da Fonte" que por vezes titubeou mas nunca se rendeu...

O segredo do sucesso da longevidade do "Maria da Fonte", da sua independência e isenção, objecto de resistência à sempre desgastante acção do tempo, reside, muito para além da sua administração, na Diáspora Povoense.

A carteira de assinantes do Jornal "Maria da Fonte", em Portugal, e particularmente junto da emigração, foi sempre a principal arma do Jornal.

Em períodos onde a alfabetização das populações era reduzida, eram os seus leitores para lá das fronteiras concelhias que sustentavam economicamente o jornal, o que ainda presentemente é significativo (representando cerca de 50% dos seus 3.000 assinantes) e lhe permitiam a sustentabilidade e independência.

Muitas das referências, notícias e acontecimentos que o jornal difunde, são dirigidas aos seus assinantes no exterior do concelho da Póvoa de Lanhoso, dispersos pelos 5 continentes. As preocupações com as referências, que nos parecem inconvenientes ou dispensáveis são uma necessidade de ligação à terra...

É curiosa a inserção de publicidade de âmbito regional e mesmo nacional...

Se a força do Jornal "Maria da Fonte" não consegue, na sua fundação, reverter a imagem sobre a heroína que titula, será decisiva para dar voz em tantos momentos conturbados da comunidade em termos políticos e sociais.

A

B

AO LONGO DE MUITAS DÉCADAS O JORNAL MARIA DA FONTE GUARDOU EXEMPLARES DA QUASE TOTALIDADE DOS NÚMEROS IMPRESSOS, PERMITINDO-NOS HOJE, VOLVIDOS MAIS DE 120 ANOS, ACEDER A ESTA IMPORTANTE FONTE ATRAVÉS DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO...

A partir da análise das páginas do Jornal Maria da Fonte, com edição contínua durante a última década e meia do século XIX e todo o século XX, permite o conhecimento, acompanhamento e evolução do pulsar da vida social, política e económica do Concelho da Póvoa de Lanhoso.

Das alterações e disputas políticas aos preços dos produtos, base da alimentação da população, da vivência cultural aos conflitos sociais, publicidade, anúncios, editais, visitas, assaltos, óbitos e nascimentos, manifestações, reclamações, inaugurações e acontecimentos mais relevantes, fluxos populacionais e intervenções políticas, todos são expressos nas páginas do semanário.

Se por um lado, os documentos oficiais nos dão os acontecimentos formais, o jornal, por outro, e em muitos dos casos, dá-nos ainda uma leitura ou interpretação circunstanciada do acontecimento em si, as explicações e as suas consequências...

A) 1906.08.06 - 1ª página
B) 1906.08.06 - 2ª página

O Maior Acervo de Informação Local

C) 1929.05.19
D) 1965.07.04

Não será demais assumir que é através do jornal, apesar de nos finais do século XIX não revelar força suficiente para sequer ensombrar o texto publicado em Camilo Castelo Branco, cuja "versão" perdura até aos nossos dias, através da continuidade e persistência deste título, secundada em 1925 pela fundação do Sport Clube Maria da Fonte, que permitirá que a Póvoa de Lanhoso consiga hoje reescrever essa importante ou dourada página da sua História...

Pelo acordo formalizado com a Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso, é hoje possível a consulta e o estudo de um dos mais ricos e importantes arquivos da história económica, social e política da Póvoa de Lanhoso.

CENSURA

"CRÍTICA SEVERA, REPREENSÃO; EXAME OFICIAL DE CERTAS OBRAS OU ESCRITOS; CORPORAÇÃO A QUE COMPETE ESSE EXAME; PENA ECLESIÁSTICA QUE PRIVA OS FIÉIS DOS BENS ESPIRITUAIS".

A Censura
Jornais Censurados e Comentados pelos Censores

O 'MARIA DA FONTE ', AO LONGO DOS SEUS 125 ANOS DE HISTÓRIA, TAMBÉM FOI VÍTIMA DO CHAMADO 'LÁPIS AZUL', INSTRUMENTO ESSE QUE SILENCIOU FADOS, PEÇAS DE TEATRO E LIVROS, ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS E NOTÍCIAS. APRESENTADA COMO MEDIDA TRANSITÓRIA POR SE ENCONTRAREM SUSPENSAS AS GARANTIAS CONSTITUCIONAIS DA REPÚBLICA, A COMISSÃO DA CENSURA É INSTITUÍDA A 22 DE JUNHO DE 1926. OS JORNAIS PASSAVAM A SER OBRIGADOS A ENVIAR A ESTA COMISSÃO QUATRO PROVAS DE PÁGINA E A NÃO DEIXAR EM BRANCO O ESPAÇO DAS NOTÍCIAS CENSURADAS. A APLICAÇÃO DESTA MEDIDA CAUSOU INDIGNAÇÃO NAS REDACÇÕES. SETE ANOS DEPOIS, A CENSURA É LEGALMENTE INSTITUÍDA ATRAVÉS DA CONSTITUIÇÃO.

Nestes casos o lápis não tinha cor azul mas cor vermelha

1939.03.05
49.º ANO |Nº 72 (6ª série)

1941.07.06
52.º ANO |Nº 48 (7ª série)

A Censura
Jornais Censurados e Comentados pelos Censores

No número 72 datado de 5 de Março de 1939, L. Bastos assinou a 'Crónica de Lisboa' da qual foi retirado o seguinte parágrafo: **"No campo moral não nos consta que Afonso Henriques jamais tivesse jogado a bola, que Luiz de Camões tivesse sido 'keeper', que Garcia da Horta tivesse alguma vez descoberto os mistérios do 'off side', etc., etc."**
Esta afronta a alguns dos denominados símbolos nacionais mereceu o risco do 'lápis azul'.
Procurando uma total paz social, o regime opunha-se a qualquer tipo de notícia que pudesse relatar desavenças entre vizinhos ou familiares. Uma notícia da gripe vinda da vizinha Galiza (Espanha) foi também objecto de censura.
A notícia que viria a ser cortada da edição de 20 de Abril de 1941, falava de uma doença que continuava a **"agassar com certa intensidade, mas com carácter benigno".** Informava que metade da população tinha sido afectada.

Nos 'Retalhos' de Victor de Sá da edição de 6 de Julho de 1941, o autor descrevia uma sociedade mergulhada numa profunda crise, principalmente os jovens. **"É descabida a guerra do Século da Civilização. Nossos pais, que bem rudemente a experimentaram já, odeiam-na ferozmente. É preciso que nós a odiemos também, e tenhamos o único anseio de paz, amor, prosperidade, justiça universal".**

Nestes casos o lápis não tinha cor azul mas cor vermelha

1941.09.21
52.º ANO |Nº 59 (7ª série)

1941.10.12
52.º ANO |Nº 62 (7ª série)

A Censura
Jornais Censurados e Comentados pelos Censores

Os 'Retalhos' de Victor de Sá voltaram a 'incomodar' na edição de 21 de Setembro do ano de 1941. Num texto onde o autor criticava novamente as guerras, vários parágrafos foram riscados. **"Os governos jamais estarão entregues a aventureiros ou a déspotas. Se algum desses monstros da história conseguir, por subterfúgios, o poder, nada poderá fazer quando quizer dar largas ás suas fúrias bélicas ou tirânicas, porque os homens, que já alcançaram a consciência do seu valor e a dignidade da sua pessoa, serão indiferentes aos ardores desses loucos e lança-los-ão ao abismo do nada."**

Este número mereceu ainda uma nota do censor relativa à falta de "neutralidade" por parte dos autores de alguns textos.

Na edição de 12 de Outubro de 1941, vários artigos relativos à **Segunda Guerra Mundial** foram cortados. Tudo o que se referia à Inglaterra não cabia na edição do 'Maria da Fonte'. Portugal assumia uma posição dupla relativamente a este país e à Alemanha. Por isso, uma foto de um tanque alemão tomado pelos ingleses no deserto da Líbia foi cortada. Aliás, este é um dos fenómenos mais notados nas edições destes anos. Por outro lado, notícias relativas à falta de alimentos também eram censuradas. Num deles, o autor denunciava a dificuldade em se conseguir **"pequenas quantidades de assucar"**.

"O bacalhau – o pouco que aparece – vende-se, cada quilo, a dez escudos ou mais ainda. O arroz, esse, parece que está a desaparecer como por encanto!".

A 24 de Outubro 1942 os serviços censuraram a seguinte notícia: **"Neste mês de Outubro serão distribuídos, pelos vários distritos do continente, um milhão e oito centos mil quilos de sabão, cabendo a Braga 2.725 caixas".**

A este propósito, o censor deixou a seguinte nota: "Sobre distribuição de alguns, só as notas publicadas pelo Comissariado – J. Souto".

Nestes casos o lápis não tinha cor azul mas cor vermelha

Maria da Fonte

CONFERÊNCIA

DE BINOCULO

GAZETILHA

PÉROLAS

Maria da Fonte

OUTRO BAIRRO PARA TRABALHADORES

DE BINOCULO

RIDENDO

ANEXAÇÃO

1947.06.08
58.º ANO |Nº 51 (10ª série)

1948.03.21
58.º ANO |Nº 91 (10ª série)

A Censura
Jornais Censurados e Comentados pelos Censores

Na edição de 16 de Dezembro de 1945, no número 76, o censor ameaça "não visar mais provas" e dar conhecimento superior "se não se rectificar a numeração" do jornal. Na edição seguinte, de 23 de Dezembro de 1945, o director responde ao censor: "A D.S.C. não tem razão quanto à numeração. Vou dizer-lhe isso." Neste mesmo número, o censor volta a alertar os responsáveis do 'MF' quanto à sua "neutralidade". A propósito de mais um texto cómico da autoria do 'amigo Elma', no qual é feito um retrato satírico da sociedade de então, foi escrito a vermelho o seguinte: "cautela com as polémicas".

Director do 'MF' mandado para Beja a 8 de Junho de 1947, em lugar de destaque, o 'MF' publicaria uma notícia referente à transferência do seu director para Beja. Mas foi censurada. Dizia o seguinte: **"Surpreendeu-nos devéras a notícia de transferência, para Barrancos (distrito de Beja), do ilustre director deste nosso semanário e muito digno notário publico desta comarca, sr. dr. Manuel A. Pereira. Os amigos que s. exª conta entre nós - e tantos são eles, na verdade – ficaram, também, sobremaneira surpreendidos com tal notícia.**
E que sem duvida alguma, o sr. dr. Manuel Alexandre, além de ser um funcionário correcto, cheio de isenção e lealdade, teve sempre a mesma estima e consideração de todo o povo do concelho, o qual, certamente, como nós, ao ter conhecimento do caso, sentir-se-á muito e muito magoado com tal transferência. Que tão querido amigo e distinto funcionário continue a gosar saúde e se veja, como aqui, rodeado de dedicações, são os nossos melhores votos."

(Manuel Alexandre Pereira continuou como director até à suspensão do jornal a 17.12.1950)

Durante o ano de 1948, grande parte dos textos censurados dizem respeito a casos de 'faca e alguidar', sendo muitos deles riscados quase na totalidade. E quando isso não acontecia, o censor pedia aos responsáveis do jornal para remeter tais descrições para a segunda página. Num deles, datado de 21 de Março, fez um círculo à volta do texto e escreveu o seguinte: "Para segunda página. Já saiu por lapso na primeira página. Outras jamais, é certo".

Maria da Fonte
A PAZ OU A GUERRA?
DE BINOCULO...
RIDENDO
EDITAL
Maria da Fonte
Crime de morte em Brunhais
DE BINOCULO...
PÉROLAS
GAZETILHA

1948.04.04
58.º ANO |Nº 93 (10ª série)

1949.07.31
60.º ANO |Nº 61 (11ª série)

A Censura
Jornais Censurados e Comentados pelos Censores

A 4 de Abril desse mesmo ano, e a propósito de uma troca de galhardetes entre os responsáveis do 'Maria da Fonte' e do 'Póvoa de Lanhoso', o censor mandou um recado ao proprietário do jornal. Num papel anexo ao fundo da edição, escreveu o seguinte: "Amigo e senhor Carvalho: acabe de vez com ataques pessoais. Se o 'Póvoa de Lanhoso' continuar com eles, claro que se deve pagar na mesma moeda, mas então mande-me para eu ver e devolver, o jornal que o ataca. Creia-me..."
(assinatura do censor).

As notícias referentes aos fenómenos caricatos também motivavam participação activa da censura. Na edição de 24 de Abril de 1949, foi riscada a seguinte breve: **"Informam de Grevena (Macedónia), que uma mulher, com 73 anos de idade, deu á luz dois gémeos!"**
Na edição de 31 de Julho, um crime em Brunhais paginado na primeira, foi censurado. Os Serviços de Censura de Braga deixaram a seguinte nota: "Em lugar de relevo um crime de morte? Nunca isso foi permitido, pelo que deve passar à 2.ª página e, se for possível, reduzir o palavriado".

A 21 de Agosto de 1949, o censor não gostou de um texto de J. Matos. Sobre a rubrica 'De Binoculo...', alertou para que este fosse colocado na segunda página.
"Falar de si... não é bonito, e não interessa aos restantes".

Maria da Fonte

A PAZ OU A GUERRA?

DE BINOCULO...

Maria da Fonte

Crime de morte em Brunhais

DE BINOCULO...

PÉROLAS

GAZETILHA

1949.08.21
60.º ANO |Nº 64 (11ª série)

1952.08.03
63.º ANO |Nº 2 (13ª série)